

## **A engenharia didática na Comunicação Social: apresentação de um dispositivo para o ensino do documentário audiovisual<sup>1</sup>**

Gisele Maria Souza Barachati<sup>2</sup>  
Thiago Vasquez Molina<sup>3</sup>  
Universidade de Taubaté, Taubaté, SP

### **Resumo**

Este artigo acadêmico toma as áreas da Comunicação Social e da Linguística Aplicada para a apresentação de um dispositivo – a sequência didática (SD) - para o ensino do gênero documentário audiovisual em cursos de graduação. A partir de aportes teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo, para a compreensão do que são gêneros de texto e sequências didáticas - e da Comunicação Social - para a compreensão do gênero documentário e de técnicas de produção audiovisual, pretende-se contribuir com professores da área da Comunicação Social, cujas referências teóricas carecem de instrumentos que visem a uma transposição didática do gênero documentário para o desenvolvimento de capacidades de linguagem e, ao mesmo tempo, de técnicas de produção audiovisual.

**Palavras-chave:** Comunicação Social; Linguística Aplicada; Sequência Didática; Documentário Audiovisual.

### **Introdução**

Este trabalho tem como objetivo apresentar o dispositivo sequência didática, doravante SD, para o ensino do gênero de texto documentário audiovisual, voltado para cursos de graduação em Comunicação Social. Entende-se por SD um conjunto de atividades sequenciadas com o propósito de desenvolver no sujeito capacidades de linguagem (BARROS; RIOS-REGISTRO, 2014).

A escolha de um gênero de texto, o documentário audiovisual, para o desenvolvimento de uma SD precisa estar relacionada ao contexto social, econômico e político da instituição de ensino em que se quer desenvolver o trabalho, neste caso, uma instituição de nível superior que ofereça cursos na área da Comunicação Social, onde o ensino do documentário faça parte da grade curricular.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Volta Redonda - RJ – 22 a 24/06/2017.

<sup>2</sup> Mestre em Linguística Aplicada e Especialista em Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa pela Universidade de Taubaté. Graduada em Letras pela Universidade do Vale do Paraíba e em Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano. Orientadora de Ensino de Língua Portuguesa na Secretaria de Educação e Cidadania do município de São José dos Campos. E-mail: [giselebarachati@yahoo.com.br](mailto:giselebarachati@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Mestre em Linguística Aplicada, Especialista em Comunicação e Marketing Político e Graduado em Comunicação Social pela Universidade de Taubaté. Diretor de Programação da TV Educativa da Universidade de Taubaté e Professor da Faculdade Canção Nova, nos cursos de Jornalismo e Rádio e TV. E-mail: [thiagomolina@gmail.com](mailto:thiagomolina@gmail.com).

A partir do exposto, este trabalho justifica-se por pelo menos duas importantes razões: a primeira, a apropriação da SD como dispositivo de ensino para docentes que atuam em cursos na área da Comunicação Social, para os quais o ensino do gênero documentário audiovisual é necessário e pode ser aprofundado a partir do uso desse instrumento; a segunda, a relevância da construção de SD de gênero para os diferentes contextos educacionais, tanto para os sistemas educacionais mais amplos, quanto para os sistemas de ensino e os sistemas didáticos.

Atualmente, nos diferentes cursos superiores e de pós-graduação na área da Comunicação Social, há um predomínio no estudo das características do gênero documentário e de técnicas de produção audiovisual na formação do profissional dessa área. Todavia, quando esse profissional – já formado – se volta para a docência, há uma escassez de bibliografias que abordem metodologias de ensino específicas para os gêneros da área. É precisamente nesse momento, que a Linguística Aplicada pode se articular à Comunicação Social “emprestando” a esta, ferramentas metodológicas que contribuam com o processo de transposição didática.

Entende-se por transposição didática o “conjunto de transformações que um conjunto de saberes científicos necessariamente sofre, quando se tem o objetivo de torná-los ensináveis e aprendíveis” (MACHADO, 2009, p.52).

O Interacionismo Sociodiscursivo, aporte teórico bastante utilizado em pesquisas na área da Linguística Aplicada, é uma corrente da psicologia da linguagem bastante complexa, cujo diálogo se estabelece com autores de diversas correntes da filosofia e ciências humanas. Esse aporte teórico possui uma vertente didática, que tem desenvolvido estudos para a transposição didática de gêneros, a partir de uma engenharia didática que propõe instrumentos teórico-metodológicos - a SD, por exemplo - para a concretização dos processos de ensino e de aprendizagem. É dentro desta vertente que este trabalho se insere, ao propor o estudo e a descrição de um objeto de intervenção didática - o gênero documentário audiovisual, o qual serve de base para a elaboração de uma SD.

Esta pesquisa também se baseia nos estudos de Melo (2002), Lucena (2012), Gonçalves (2006) e Ramos (2008), pesquisadores no gênero documentário. Segundo Stutz (2014, p.19), “ a literatura específica do gênero em questão parte dos saberes das disciplinas científicas e academicamente validadas, e dos saberes dos *experts* que utilizam determinado gênero como instrumento para práticas no contexto social” e,

portanto, a contribuição desses estudos é extremamente importante para a construção da SD do gênero em foco.

## 1. O conceito de Gênero de Texto

No decorrer da história, nas atividades sociais, foram e são, constantemente produzidas determinadas formas comunicativas, relativamente estáveis, as quais constituem os gêneros de texto.

Os gêneros de texto, enquanto pré-construídos humanos e, portanto, históricos e sociais, são mobilizados ao empreendermos uma ação de linguagem e, ao mesmo tempo, são adaptados às características específicas de tal situação. Logo, apropriar-se desses artefatos torna-se essencial a qualquer pessoa, uma vez que, para que uma pessoa possa se comunicar, ela precisa apropriar-se de um artefato - o gênero - que lhe possibilite empreender tal ação.

Segundo Machado e Cristóvão (2006, p. 551 apud ANJOS-SANTOS; CRISTÓVÃO, 2011, p.263):

(...) os gêneros de texto se constituem como artefatos simbólicos que se encontram à disposição dos sujeitos de uma determinada sociedade, mas que só poderão ser considerados como verdadeiras ferramentas/instrumentos para seu agir, quando esses sujeitos se apropriam deles, por si mesmo, considerando-os úteis para seu agir com a linguagem.

As diferentes esferas de comunicação, isto é, os diferentes campos de circulação das práticas de linguagem, levam a uma constante diferenciação dos gêneros que circulam em cada uma delas. Assim, cada prática de linguagem faz nascer um gênero de texto, que prefigura uma forma de uso da língua e da linguagem (GONÇALVES; FERRAZ, 2014): na esfera publicitária, por exemplo, temos gêneros como os anúncios; na esfera doméstica, os bilhetes; na esfera jornalística, as reportagens; na acadêmica, os artigos científicos, as dissertações de mestrado e assim por diante.

O gênero, portanto, enquanto pré-construído, é objeto de avaliações sociais constantes, o que possibilita a sua permanente (re)constituição enquanto modelo de referência para as ações de linguagem, isto é, o gênero, indexado às situações de ação de linguagem, (re)constitui-se a partir de certos valores de uso de uma determinada formação social e situação de ação languageira. Desta forma, explica Machado (2005, p.251), os gêneros de texto são produtos sócio-históricos explicativos da ação de

linguagem e “a apropriação do gênero é, portanto, um mecanismo fundamental de socialização, de possibilidade de inserção prática dos indivíduos nas atividades comunicativas humanas”.

De acordo com Bronckart (1996 apud MACHADO, 2005, p. 251), “os conhecimentos construídos sobre os gêneros estão sempre correlacionados às representações que temos sobre as situações sociais diversas em que atuamos”, o que possibilita ao sujeito a adoção de um gênero particular e, a seu ver, mais adequado a cada situação. Dito de outra forma: toda ação de linguagem pressupõe a adoção de um gênero de texto pelo sujeito, cuja escolha se dá a partir de modelos preexistentes a determinadas ações de linguagem. Isso significa dizer, em relação ao gênero documentário audiovisual, que o primeiro passo para o ensino desse gênero é a busca de modelos preexistentes para a sua compreensão e caracterização.

### **1.1 O Gênero Documentário Audiovisual**

O documentário configura-se como um dos diversos gêneros de textos que são instrumentos de trabalho do Comunicador Social. Ramos (2008, p. 22) o define como “uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo”, isto é, ao contrário da ficção, o documentário estabelece proposições sobre o mundo histórico, assumidas por entrevistas, depoimentos de especialistas, diálogos, filmes de arquivo, cujas diversas vozes falam do mundo, ou de si.

Toda narrativa pressupõe a presença de interlocutores, ou seja, ela é feita por e para alguém, respectivamente, autor e espectador. No caso do documentário, o primeiro é quem define essa intenção e o segundo, é quem percebe essa intenção e consegue diferenciá-la de uma obra ficcional. Melo (2002, p.36) acrescenta:

Vale ressaltar ainda que o mero registro de imagens e sons do mundo não reflete, por si só, o valor do gênero documentário. Exige-se uma intervenção, um posicionamento autoral do documentarista no modo como as imagens e sons se sucedem [...] Para tal, exige-se que o tema abordado seja visto a partir de determinado ponto de vista, que irá se refletir na maneira que o documentarista apresenta os fatos. O efeito de sentido final, portanto, é resultado não simplesmente do que se diz, mas essencialmente de como se apresenta o tema. É justamente nessa relação entre conteúdo e forma (quê e como) que reside o caráter autoral do documentário, marca que elegemos como característica fundamental do gênero.

Os documentários surgiram no cinema, e por isso foram nomeados como gêneros cinematográficos. No entanto, nos dias atuais, existem outras mídias ou suportes nos quais o documentário pode circular, além do cinema: a TV e a internet, por exemplo. Desta forma, nesse artigo, toma-se o documentário como um gênero audiovisual, conforme definição proposta por Melo (2002), isto é, um gênero que não restringe a sua circulação a uma única mídia.

Nesses suportes audiovisuais - TV, cinema e internet - circulam gêneros ficcionais e não ficcionais. O documentário se enquadra entre os gêneros audiovisuais não ficcionais, uma vez que tem por objetivo o registro do que acontece no mundo real ou histórico. Nas palavras de Lucena (2012, p.10), “em um primeiro momento, o filme documental é visto como um ato cinematográfico”, mantendo-se a sua origem, e depois “passa a ser considerado como a produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real (ou o mundo histórico) e como protagonistas os próprios ‘sujeitos’ da ação” (LUCENA 2012, p11).

Desta forma o documentário descreve e interpreta o mundo da experiência coletiva, ou seja, um universo relacionado a fatos, lugares, pessoas ou ainda explicações lógicas para determinados acontecimentos. Lucena (2012) explica ainda que o documentário fala ao interlocutor tanto na forma verbal como visual e, de forma direta, faz o público prestar atenção e os convida a se posicionar.

É importante destacar que o documentário é sempre uma síntese da realidade sob a ótica de quem relata aquela história, isto é, é uma representação ou interpretação da realidade na visão do documentarista, criando uma situação nova a partir de uma que já aconteceu. Os documentários são, portanto, “construções da realidade social [...] um processo ativo de fabricação de valores, significados e conceitos” (MELO, 2002, p.29).

Uma vez que o documentário é uma interpretação da realidade sob o ponto de vista do documentarista, esse gênero pode ser parcial e subjetivo, isto é, a opinião ou o ponto de vista de quem produz um documentário pode transparecer ao interlocutor. Ao contrário, na esfera jornalística, busca-se uma suposta imparcialidade, procurando-se informar um fato com maior fidedignidade. Ao futuro profissional de Comunicação Social essa distinção se faz necessária: objetividade e subjetividade.

[...] o documentário é uma obra pessoal, sendo absolutamente necessário e esperado que o diretor exerça o seu ponto de vista sobre a história que narra. A subjetividade e a ideologia estão fortemente presentes na narrativa do documentário, oferecendo representações em

---

forma de texto verbal, sons e imagens. É impossível ao documentarista apagar-se (MELO, 2002, p.30).

Assim pode-se dizer que todas as escolhas e decisões feitas pelo documentarista - planos, ângulos, edição, finalização - são expressões do seu ponto de vista revelando o caráter autoral do gênero. Por mais que no documentário haja uma polifonia de vozes (locutor, entrevistador e entrevistados, depoimentos, voz das imagens de arquivo, diálogos ou monólogos) organizadas de forma estruturada, com a finalidade de construir sentido à narrativa, o posicionamento do documentarista fica explícito no ato de organizar, definir e estruturar essas falas, assinalando e dando destaque ao seu ponto de vista para o espectador. Nesse contexto, todas as falas conduzem a uma síntese da voz do autor.

Melo (2002) identifica duas linhas de referências em um documentário, a primeira ligada a características de produção, como planos, ângulos, enquadramentos e demais propriedades básicas ligadas aos gêneros técnicos midiáticos audiovisuais. A segunda característica relaciona-se com a realidade dos fatos exibidos e a intenção de retratação da história contada por ela própria: personagens, cenários e registros históricos. Melo (2002, p.25) destaca que essa segunda característica é a que melhor identifica o documentário como um gênero, “é o segundo conjunto de convenções [...] que melhor identifica o documentário como gênero, pois são essas características que garantem autenticidade ao que é retratado”.

Em se tratando da estrutura do gênero documentário audiovisual, pode-se dizer que todos partem de uma ideia, contudo é preciso compreender que a proposição de um tema não é o suficiente para a concretização de um documentário. Segundo Lucena (2012, p33),

Ter uma ideia, no entanto, não significa ter um filme - todos temos grandes ideias e a toda hora. Antes é preciso saber se é possível concretizá-las e como fazer isso. Nesse momento, deve-se recorrer às questões básicas que estudantes de jornalismo aprendem na faculdade para que possam criar suas reportagens e textos:

- O que eu quero mostrar?
- Como eu quero mostrar isso?
- Por que eu quero mostrar isso?
- Quem é meu personagem?
- O que ele vai fazer?
- Como ele vai agir?

Enfim, responder a esses questionamentos auxilia o autor a pensar no processo de construção da obra audiovisual, a partir de duas importantes decisões: a delimitação do tema e a sequenciação das ideias que comporão a narrativa.

## 2. Modelização Didática do gênero documentário: uma análise comparativa

Para a elaboração do dispositivo SD, para o ensino de um gênero de texto, se faz necessária a construção de um modelo didático do gênero que se pretende ensinar, isto é, um estudo prévio, comparativo e descritivo de textos exemplares desse gênero, a fim de identificar suas características estáveis, ou seja, características que se repetem nos diferentes textos e que, portanto, podem ser ensinadas.

Para a modelização didática do gênero documentário audiovisual, selecionou-se como *corpus* de pesquisa, três exemplares de documentários da série *Coletivando*<sup>4</sup>. Esses episódios foram analisados e, como resultado, elaborou-se o modelo didático do gênero, conforme mostra o quadro abaixo:

**Quadro 1: Modelo Didático do Gênero de Texto Documentário Audiovisual**

<b>CARACTERÍSTICAS GÊNERO DE TEXTO DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL</b>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gênero audiovisual não ficcional, que tem como conteúdo temático o registro diverso de fatos, personagens e situações interessantes, que acontecem no mundo real ou histórico.</li> <li>• Produzido por um documentarista, que pode ser um jornalista, um publicitário, um cineasta, por exemplo.</li> <li>• Síntese da realidade sob a ótica de quem relata a história - representação ou interpretação da realidade na visão do documentarista (autoral), criando uma situação nova a partir de uma que já aconteceu.</li> <li>• Por ser um gênero autoral, a subjetividade e a ideologia estão fortemente presentes na narrativa do documentário.</li> <li>• Planos, ângulos, edição e finalização expressam o ponto de vista do documentarista, revelando o caráter autoral do gênero.</li> <li>• Gênero que pode ser parcial e subjetivo, isto é, a opinião ou o ponto de vista de quem produz um documentário pode transparecer ao interlocutor.</li> </ul>

<sup>4</sup> A série de documentários *Coletivando* é uma coprodução da TV Unitau com o Canal Futura, exibida em 2015, idealizada e dirigida por Thiago Molina, um dos autores deste artigo acadêmico, disponível em [www.unitau.br/coletivando](http://www.unitau.br/coletivando).



CAPACIDADES DE LINGUAGEM	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Finalidade comunicativa: expressar um ponto de vista sobre fatos, situações e/ou personagens do mundo real ou histórico, de forma a convidar o público a prestar atenção e se posicionar.</li> <li>• Suporte: cinema, TV e internet. Dependendo do suporte, sua circulação pode ser local, regional, nacional ou mundial.</li> <li>• Esferas predominantes de circulação: doméstica, educacional, acadêmica, jornalística.</li> <li>• Sugere uma organização do conteúdo temático semelhante ao lide/ <i>lead</i> das notícias, respondendo, inicialmente, a perguntas como: o que, quem, quando, como e por quê.</li> <li>• O documentarista pode recorrer a diversas fontes de pesquisas para organizar o conteúdo temático, como arquivos, imagens, notícias ou até mesmo pessoas envolvidas com o assunto ou especialistas para coletar as informações.</li> <li>• A multissemiotividade do gênero é marcada pelo caráter audiovisual, isto é, pela união de sons e imagens. Presença de fotos, imagens, gráficos, infográficos, vídeos, áudios, entrevistas, tabelas, títulos, subtítulos e legendas, com diferentes tamanhos, formatos, cores e efeitos.</li> <li>• Pode apresentar depoimentos - presença de entrevistas. Neste caso, o discurso é indireto, isto é, o entrevistado não olha para a câmera, mas para um interlocutor (repórter, diretor, entrevistador, produtor). Todavia, o discurso do documentário pode também ser dirigido diretamente ao público e, neste caso, o discurso é direto.</li> <li>• Discursivamente ideológico, pois sintetiza a realidade sob a ótica de quem relata a história.</li> <li>• Presença de elementos não verbais como orientação do corpo, direção do olhar, entonações, pausas, características da voz, aparência física dos participantes, distâncias, atitudes, posturas, jogos de olhares, mímicas e gestos.</li> </ul>
--------------------------	---

**Fonte: Os autores.**

Construído o modelo didático do gênero documentário, condição *sine qua non* para a identificação das principais características do gênero e os possíveis saberes a serem transpostos numa SD, passa-se então, à elaboração do dispositivo.

### **3. Engenharia Didática: o dispositivo Sequência Didática (SD)**

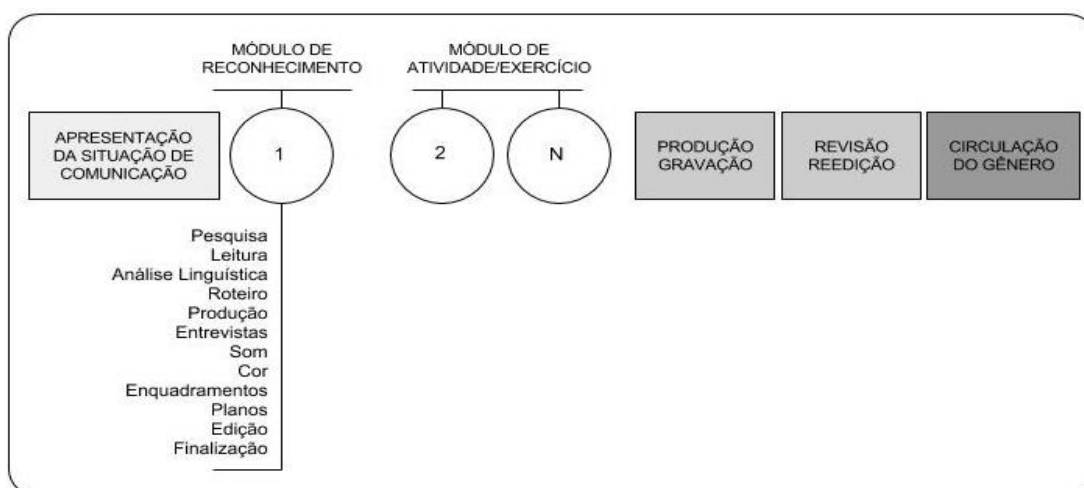
O Interacionismo Sociodiscursivo, em sua vertente didática - Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011, p.82) – define a SD como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito”. Uma SD tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar um gênero de texto qualquer, que possibilite a esse sujeito escrever ou falar de maneira mais adequada a cada situação de comunicação. Este trabalho deve ser realizado em torno de gêneros públicos que se pretende dominar ou que se domina de maneira insuficiente, dando acesso ao sujeito a práticas de linguagem novas e/ou de difícil domínio.

A partir do exposto, pode-se constatar que a SD, originalmente, não foi elaborada para o trabalho com gêneros audiovisuais, como é o caso do documentário. Desta forma, na articulação proposta neste trabalho entre a Linguística Aplicada e a



Comunicação Social, a proposta de SD de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011) foi adaptada e recriada, a partir de seu modelo original e de outras adaptações propostas por Costa-Hübes (2014) e Barros (2014). A figura abaixo apresenta o modelo de SD utilizado nesta pesquisa:

**Figura 1:** Esquema da SD proposta para esta pesquisa



**Fonte:** os autores.

A SD apresentada nesta pesquisa considera as condições de produção próprias ao ensino do gênero documentário: a esfera social da Comunicação Social. O que se propõe é uma adequação dos modelos de SD existentes, ao ensino superior, recriando-se, assim, as prescrições já consolidadas para outros níveis de ensino, corroborando com a noção de que uma SD se constitui como um instrumento de intervenção do professor e, portanto, é passível de várias reconcepções enquanto um processo natural de redefinição do prescrito. Segundo Saujat (2002 apud BARROS, 2014, p.49), “é justamente essa *reconcepção* que garante a saúde, a identidade e a competência do professor”.

É importante ressaltar também que as etapas de uma sequência, independente do modelo escolhido, não são definitivas, isto é, não podem ser tratadas de forma estanque, inflexível. Ao contrário, cada etapa da SD está interligada a outra, devendo ser retomada ao longo de todo o processo, “para que se tenha a compreensão global dos aspectos relativos ao gênero em estudo” (COSTA-HÜBES, SIMIONI, 2014, p. 37), evidenciando-se uma relação dialética estabelecida pelo professor entre a teoria e a prática, bem como um tratamento dialético do conhecimento.

### 3.1 Sequência Didática (SD) de ensino do gênero Documentário Audiovisual

A SD apresentada nessa pesquisa, para o ensino do gênero documentário audiovisual, foi elaborada para alunos da área de Comunicação Social, cujo ensino do gênero faz parte da grade curricular da grande maioria desses cursos.

As disciplinas que abordam o ensino do gênero em foco, normalmente estão organizadas a partir do quarto semestre, uma vez que os alunos precisam ter conhecimentos prévios sobre teorias da comunicação e embasamento técnico, para a produção de documentários. Dessa forma, esta SD pressupõe que os alunos já tenham uma gama de conhecimentos prévios sobre o tema.

A SD<sup>5</sup> proposta neste artigo, para a apropriação do gênero documentário audiovisual, é composta pelas seguintes etapas: 1) Apresentação da situação de comunicação; 2) Módulo de reconhecimento das características do gênero; 3) 11 módulos (M); 4) Produção, gravação e edição; 5) Revisão/reedição e 6) Circulação do gênero.

Neste artigo são apresentados apenas os objetivos de ensino de cada etapa da SD, salientando-se que o dispositivo completo engloba também as atividades dos alunos, as capacidades de linguagem envolvidas em cada proposta e considerações ao professor.

#### Quadro 2: SD do gênero de texto documentário audiovisual

<b>Apresentação da Situação de Comunicação</b>	
Exposição aos alunos do projeto de comunicação que será realizado na produção do documentário, cujo meio de divulgação será uma decisão estratégica dos próprios alunos. Momento em que a turma constrói uma representação, tanto da situação de comunicação, como da atividade de linguagem a ser executada.	
<b>MI</b>	<b>Objetivos de Ensino:</b> Expor os alunos ao gênero documentário, enquanto prática social, a partir da apresentação de dois vídeos da série <i>Coletivando</i> : “Cinema: do lúdico ao letramento” e “Pais leitores: a leitura em família”; reconhecer características do gênero em foco, a partir de uma pauta de observação de seus elementos estáveis.
<b>MII</b>	<b>Objetivos de Ensino:</b> Organizar as informações coletadas no módulo anterior sobre o tema para a produção do documentário, a fim de trabalhar as ideias, usando a estrutura de <i>lead</i> , que servirão de conteúdo temático para o documentário e elaborar uma sinopse.
<b>MIII</b>	<b>Objetivos de Ensino:</b> Retomar as sinopses da aula passada e a partir dos apontamentos do professor, reescrever os textos, caso haja necessidade de alteração. Iniciar o processo de elaboração do roteiro do documentário.
<b>MIV</b>	<b>Objetivos de Ensino:</b> Perceber a importância de se planejar antecipadamente as perguntas de uma entrevista em um documentário. Compreender o importante espaço que as perguntas de entrevista ocupam em um roteiro de gravação do gênero. Perceber que o tipo de documentário - histórico, biográfico, entrevista, espontâneo - determina o tipo de roteiro a ser elaborado.

<sup>5</sup> SD completa em Molina (2016).

MV	<b>Objetivos de Ensino:</b> Dar continuidade a elaboração do roteiro de gravação, ampliando o seu conteúdo. Entender o papel do “produtor” em um documentário e a partir daí, planejar a produção do trabalho do grupo.
MVI	<b>Objetivo de Ensino:</b> Concluir o roteiro de gravação do documentário.
MVII	<b>Objetivo de Ensino:</b> Discutir diferentes técnicas para gravação de entrevista como cenário, enquadramento, composição e iluminação. Retomar os contatos com as fontes do documentário do grupo e agendar as gravações, elaborando um cronograma, a partir da finalização do módulo IX. Retomar o impresso do módulo V e preencher os itens 8 e 9.
MVIII	<b>Objetivo de Ensino:</b> Conhecer os equipamentos necessários à captação de imagens, para a produção de documentários. Identificar os equipamentos disponíveis na faculdade e aprender a operá-los.
MIX	<b>Objetivo de Ensino:</b> Conhecer os equipamentos necessários à captação de áudio e sonorização, para a produção de documentários. Identificar os equipamentos disponíveis na faculdade e aprender a operá-los. Iniciar o cronograma de gravações.
MX	<b>Objetivo de Ensino:</b> Aprender sobre a importância das etapas de decupagem, edição e finalização, na produção de um documentário. Iniciar o processo de decupagem, a partir do material já gravado pelos grupos de trabalho.
MXI	<b>Objetivo de Ensino:</b> Organizar uma Comissão, com um integrante de cada grupo, para planejar e executar o evento de lançamento dos documentários produzidos, bem como pensar a possibilidade do uso da Internet nesse processo. Planejar estratégias de divulgação e propagação do conteúdo.
<b>Produção, gravação e edição</b>	
Parte prática da SD, isto é, de produção do gênero de texto documentário audiovisual. Os alunos deverão colocar em prática tudo o que aprenderam sobre o gênero e conhecimentos técnicos para a sua produção.	
<b>Revisão e reedição</b>	
Apresentação interna dos documentários produzidos para uma avaliação pelos próprios alunos e professor, a partir dos registros sobre o gênero produzidos ao longo de toda a SD. Possibilidade de revisão e reedição dos documentários, conforme a avaliação dos trabalhos.	
<b>Circulação do gênero</b>	
O evento de lançamento dos documentários em si, o que envolve também todas as ações de propagação dos conteúdos a partir desta data. A participação dos alunos se dará tanto na execução do evento, recebendo os convidados e apresentando o material audiovisual produzido, como na propagação dos conteúdos nos meios de comunicação definidos pela turma.	

**Fonte:** Molina (2016)

## Conclusão

A apresentação da SD para o ensino do gênero documentário audiovisual em cursos de graduação na área da Comunicação Social nos possibilitou chegar a algumas conclusões. Uma delas é que a articulação entre diferentes áreas do conhecimento pode ser bastante proveitosa, como é o caso da Linguística Aplicada e da Comunicação Social.

Embora as características de diferentes gêneros da Comunicação, de maneira geral, já sejam estudadas por alunos em diversos cursos de graduação e pós-graduação, bem como por pesquisadores da área, ao se apropriar de dispositivos didáticos da Linguística Aplicada, sobretudo da Didática das Línguas, o docente pode aprofundar

seus conhecimentos, tanto sobre os gêneros de texto, quanto sobre diferentes práticas de ensino.

Um outro aspecto a observar, a partir da SD apresentada neste artigo, é que essa proposta não pode ser considerada definitiva. Embora a SD tenha sido elaborada tomando-se como base as práticas de ensino e de aprendizagem do gênero documentário, em cursos superiores na área da Comunicação Social e as contribuições de diversas disciplinas de referência, ela precisa se adaptar a cada turma de alunos, isto é, a cada contexto específico de trabalho, em cada instituição de ensino superior. Barros (2014a, p.155) afirma que toda SD deve “ser sempre adaptada à situação em que a atividade vai ser desenvolvida”:

Ou seja, a SD não é um manual didático, mas um roteiro de estudo, um planejamento de atividades sistematizadas com foco na apropriação de um gênero. Nessa perspectiva, o professor tem sempre que: pesquisar sobre o gênero que vai tomar como objeto, a prática social a que esse gênero está vinculado, a sua esfera social de comunicação; identificar o nível das capacidades de linguagem (ou linguagens) dos alunos em relação a esse gênero; decidir as melhores estratégias de ensino a serem desenvolvidas; elaborar atividades apropriadas para cada contexto específico; etc.

O dispositivo SD é, portanto, flexível, o que possibilita mobilidade na sua elaboração. Contudo, a ordem dos módulos de uma sequência, como a que se propôs neste artigo, não é aleatória: certas atividades apresentam-se como base para a realização de outras.

Outro aspecto relevante a destacar nesta conclusão é que, tendo sido a SD elaborada a partir de um modelo didático do gênero documentário, construído através de um estudo prévio, comparativo e descritivo de três exemplares do gênero, isso significa dizer que esse modelo pode ser parcialmente modificado considerando-se que existem variados tipos de documentário que circulam socialmente.

Carmin e Almeida (2015, p.41) explicam que “a produção de modelos didáticos de gênero, muito antes de ‘engessar’ o gênero em um formato prescritivo [...], possibilita ao professor um entendimento aprofundado das práticas sociais de linguagem aí envolvidas”. De Pietro e Schneuwly (2009, p.67) destacam ainda, sobre os modelos didáticos de gênero:

O modelo didático do gênero a ensinar nos fornece [...] objetos potenciais para o ensino; de um lado porque se deve fazer uma seleção em função das capacidades reconhecidas dos que aprendem; de outro,

porque não se ensina o modelo como tal, mas antes alguns elementos selecionados através das tarefas e das diversas atividades que os colocam em cena num processo de transposição que os transforma necessariamente. O modelo, portanto, possui uma dupla dimensão generativa, horizontal e vertical:

- Ele permite, para um mesmo público-alvo, construir diferentes atividades de ensino/aprendizagem.

- Ele permite construir sequências de ensino/aprendizagem de complexidade crescente e segundo o desenvolvimento dos alunos.

Quanto ao gênero selecionado para a elaboração do modelo didático e SD - o documentário audiovisual – cabe, neste momento, lembrar as palavras de Carmin e Almeida (2015, p.41) quanto à natureza dos gêneros: “os gêneros de texto são dinâmicos, fluidos e apenas relativamente estáveis. Ou seja: não cabem dentro de *normas* estanques de produção”. Assim sendo, tanto o modelo didático quanto a SD, propostos neste artigo acadêmico, são passíveis de transformações.

Quanto ao contexto didático específico para o qual a SD foi elaborada, cabe reforçar que esse dispositivo tomou como público-alvo, estudantes de graduação em cursos de Comunicação Social, e não outros. Desta forma, as escolhas dos conteúdos da SD consideraram a especificidade desse público-alvo, isto é, as capacidades de linguagem necessárias aos futuros Comunicadores Sociais, para que possam se apropriar do gênero documentário, considerando-se também as técnicas específicas da profissão.

Por fim, é importante destacar alguns dos desafios encontrados ao longo do percurso de elaboração da SD exposta neste trabalho. O primeiro deles foi pensar o modelo de sequência proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011) e a sua aplicabilidade à área da Comunicação Social, e não ao ensino de Línguas.

A este desafio chegamos à conclusão de que o modelo proposto pelos pesquisadores de Genebra precisava ser adaptado (ou substituído por outro), tanto em relação às condições de ensino brasileiras, que são diferentes das da Suíça, quanto às condições particulares do ensino em cursos superiores, que são diferentes das condições de ensino do Ensino Fundamental. Também foi preciso considerar as condições dos cursos de Comunicação Social e não dos de Licenciatura, especialmente aqueles com o foco na área de ensino da Língua Portuguesa.

Ademais, somam-se aos desafios enumerados, a dificuldade de se encontrar, nas literaturas de referência sobre gêneros de texto, modelos didáticos de gênero e SD, ancoradas nos aportes teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo, propostas de ensino

que não estejam voltadas para a produção escrita de textos, ou seja, há uma escassez de referências sobre o ensino de gêneros audiovisuais.

Um último desafio foi a própria elaboração das atividades de cada módulo da SD, para que, ao mesmo tempo desenvolvessem os conteúdos selecionados e assegurassem as características de um dispositivo como a SD. Em cursos na área da Comunicação Social esse dispositivo é pouco ou nada conhecido.

Finalizamos essa conclusão com uma citação de Barros (2014, p.42) sobre o agir do professor e seus gestos didáticos:

O docente apenas cria o seu *estilo profissional* na prática, no seu trabalho diário, a partir de erros e acertos, de adaptações acertadas e frustradas, de sucessos e insucessos, pois o seu “treinamento” é feito a partir da inserção direta na atividade de trabalho (BARROS, 2014, p.42).

Este artigo procurou mostrar que o uso da SD não só é possível, como também é desejável.

## Referências

BARROS, E. M. D. As reconcepções do trabalho docente no processo de transposição didática de gêneros. In: BARROS, E. M. D.; RIOS-REGISTRO, E. S. (Org.). *Experiências com Sequências Didáticas de Gêneros Textuais*. Campinas: Pontes, 2014. p. 41-68.

\_\_\_\_\_. O gênero textual como articulador entre o ensino da língua e a cultura midiática. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). *Gêneros Textuais: da Didáticas das Línguas aos Objetos de Ensino*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2014a. p. 137-168.

\_\_\_\_\_; RIOS-REGISTRO, E. S. Apresentação. In: BARROS, E. M. D.; RIOS-REGISTRO, E. S. (Org.). *Experiências com Sequências Didáticas de Gêneros Textuais*. Campinas: Pontes, 2014. p. 7-12.

CARMIN, A.; ALMEIDA, A. P. Modelo (s) didático(s) de gênero: da concepção teórica à transposição didática na formação continuada de professores. In: GUMARÃES, A. M. M.; CARMIN, A.; KERSCH, D. F. (Org.). *Caminhos da Construção: reflexões sobre projetos didáticos de gênero*. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 29-46.

COSTA-HÜBES, T. C.; SIMIONI, C. A. Sequência Didática: Uma proposta metodológica curricular de trabalho com os gêneros discursivos/textuais. In: BARROS, E. M. D.; RIOS-REGISTRO, E. S. (Orgs). *Experiências com Sequências Didáticas de Gêneros Textuais*. Campinas: Pontes, 2014. p. 15-39.

GONÇALVES, G. S. *Panorama do Documentário no Brasil*. In: Revista Digital de Cinema Documentário - Doc Online, v.1, n. 1, p. 79-91, dezembro. 2006.. Disponível em: <[http://www.doc.ubi.pt/01/artigo\\_gustavo\\_soranz\\_brasil.pdf](http://www.doc.ubi.pt/01/artigo_gustavo_soranz_brasil.pdf)> Acesso em: 02 fev. 2017.

LUCENA, L. C. *Como fazer documentários: conceito, linguagem e práticas de produção*. São Paulo: Summus, 2012.

MACHADO, A. R.; BRONCKART, J. *(Re-)Configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo Alter-Lael*. In: MACHADO, A. R.; ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTOVÃO, V. L. L. (Org.). *Linguagem e Educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

\_\_\_\_\_; CRISTOVÃO, V. L. *A construção de modelos didáticos de gêneros: Aportes e Questionamentos para o Ensino de Gêneros*. In: *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/349/370](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/349/370)> Acesso em: 02 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. *A perspectiva Interacionista Sociodiscursiva de Bronckart*. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 237-259.

MELO, C. T. V. de. *O documentário como gênero audiovisual*. In: *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 5, n. 1/2, p.25-40, jan./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/24168/14059>> Acesso em: 18 mar. 2017.

MOLINA, T. V. *Sequência didática para o ensino do gênero documentário audiovisual construída a partir da série Coletivando*. 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2016.

RAMOS, F. P. *Mas afinal... o que é mesmo documentário*. São Paulo: Senac, 2008.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

\_\_\_\_\_; PIETRO, J. *O modelo didático do gênero: um conceito da engenharia didática*. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). *Gêneros Textuais: da Didáticas das Línguas aos Objetos de Ensino*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2014. p.51-81.

STUTZ, L. *Apresentação do PIBID Letras-Inglês*. In: STUTZ, L. (Org.). *Modelos Didáticos de Gêneros Textuais: As Construções dos Alunos Professores do PIBID Letras Inglês*. Campinas: Pontes, 2014. p.17-29. v. 10.